



Crônica é uma narrativa histórica que expõe os fatos seguindo uma ordem cronológica. A palavra crônica deriva do grego "chronos" que significa "tempo". Nos jornais e revistas, a crônica é uma narração curta escrita pelo mesmo autor e publicada em uma seção habitual do periódico, na qual são relatados fatos do cotidiano e outros assuntos relacionados a arte, esporte, ciência etc.

Em nossos dias, a vida agitada, o excesso de trabalho e a escassez de tempo têm dificultado o acesso à leitura. Talvez por isso formas mais breves de narração têm alcançado enorme aceitação junto ao público. Nos jornais e revistas há sempre um espaço aberto às crônicas, gênero literário considerado um misto do texto jornalístico e do conto e que revela o cotidiano dos cidadãos, fixando o momento com lirismo e bom-humor.

Há vários tipos de crônicas:

- a) a narrativa, bem próxima do conto, cujo autor típico é Fernando Sabino.
- b) a metafísica, feita de reflexões filosóficas, na tradição de Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade e também seguida por Paulo Mendes Campos.
- c) a poema-em-prosa, de conteúdo lírico, mostrando o êxtase da alma humana diante de algo carregado de significado para o autor. Seus autores mais representativos são Rubem Braga, Lourenço Diaféria, Carlos Eduardo Novaes.
- d) a crônica-comentário, falando de muitas coisas diferentes como no caso de Plínio Marcos, Mário Prata e Inácio de Loyola Brandão.
- e) a crônica-informação, divulga fatos e faz comentários rápidos; é menos pessoal, como no caso de Roberto Drummond.
- f) a humorística, conta histórias em tom humorístico, como o caso de Stanislaw Ponte Preta.

Leia o texto a seguir:

Minha Casta Dulcineia

Estou numa esquina de Copacabana, são duas horas da madrugada. Espero uma condução que me leve para casa. Á porta de um "dancing", homens conversam, mulheres entram e saem, o porteiro espia sonolento. Outras se esgueiram pela calçada, fazendo a chamada vida fácil.

De súbito a paisagem se perturba. Corre um frêmito no ar, há pânico no rosto das mulheres que fogem. Que aconteceu? De um momento para outro, não se vê mais uma

saia pelas ruas - e mesmo os homens se recolheram discretamente à sombra dos edifícios.

— Que aconteceu? — Pergunto a alguém que passa apressado.

É a radiopatrulha: vejo o carro negro surgir da esquina como um deus blindado e vir rodando devagar, enquanto os olhos terríveis da Polícia espreitam aqui e ali. Não se sabe como, sua aparição foi antecedida de um aviso que veio rolando pelas ruas trazido pelo vento, espalhando o medo e possibilitando a fuga.

Eis, porém, que surgem da esquina duas mulheres, desavisadas e tranquilas. Uma é mulata e alta, outra é baixa e tão preta, que só o vestido se destaca dentro da noite - ambas pobres e feias. Veem o inimigo, perdem a cabeça e saem em disparada, cada uma para o seu lado. O carro da polícia acelera, ao encalço da mulata: em dois minutos ela é alcançada...

A outra, trêmula de medo, se encolhe a meu lado como um animal, tentando ocultar-se. O carro faz a volta e vem se aproximando.

— Pelo amor de Deus, moço, diga que está comigo.

Já não há tempo de fugir. A pretinha me olha assustada, pedindo licença para tomar-me o braço, e, assim, protegida, enfrenta o olhar dos policiais. Tomado de surpresa, fico imóvel, e somos como um feliz, ainda que insólito casal de namorados. Compenetro-me, forças secretas dentro de mim endireitam-me o corpo para enfrentar a situação. Ouço a voz de Quixote sussurrar-me que agora, ou vou preso com ela, ou ninguém vai, na verdade, neste instante de heroísmo, unido a um ser humano pelo braço, sinto-me capaz de enfrentar até o Juízo Final, quanto mais a Delegacia de Costumes.

Passado o perigo, a preta retira humildemente o braço do meu, faz um trejeito, agradecendo, e desaparece na escuridão. Eu é que agradeço, minha senhora - é o que pensa aqui o fidalgo. Tomo alegremente o meu lote e vou para casa com a alma leve, pensando na existência daquelas coisas, como diria o poeta, pelas quais os homens morrem.

Fernando Sabino



Faça as atividades no caderno

- 01.** Dulcineia era o nome da princesa amada de D. Quixote. Que relação existe entre este nome e o narrador do texto?
- 02.** Que importância teve o fato corriqueiro relatado pelo narrador a ponto de ser apresentado numa crônica?
- 03.** Todo grande jornal abre espaço para as crônicas, que são lidas com interesse pelos leitores. O que os leitores buscam na leitura das crônicas?
- 04.** Qual o ponto culminante desta narrativa?
- 05.** Por que o narrador se classifica como um fidalgo (gente importante)?
- 06.** Explique a crítica social da crônica apresentada.
- 07.** Ao ser abordado pela melhor, o narrador descreve seu desespero. Além do que foi contado, quais seriam outros possíveis desfechos para esta situação.